



## PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Conde da Floresta Negra, Dr. Grotius, Visconde de Cock Tail  
e Vice-Consul dos Paizes Baixos.

Publica-se nos dias 1 e 15.—As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 4 DE ABRIL DE 1868.

N 15.

**Rio de Janeiro, 4 de abril de 1868.**

Quando em o nosso ultimo numero dissemos que não nos faltavam amizades nem considerações, julgavamos ter dito tudo quanto pudesse satisfazer a nobre ambição do Club X.

Esquecemos, porém, ahi de mencionar um facto que altamente nos honra. Ao lado de cidadãos distintos e de posição elevada, tivemos a satisfação de ver a directoria do Club X entestar a columna de uma das comissões de festejos publicos que se tem de celebrar ao concluir-se a guerra com o Paraguay.

Não nos accusem os nossos amigos de immodestos á vista dessa nossa satisfação. Accusa-se por acaso a mãe que sorri dos afectos prodigalizados ao filho? Não.

Seja-nos, pois, concedida uma interpretação.

A camara municipal fez-nos um elogio com essa nomeação, e nós lh'o agradecemos, assegurando-lhe fazer de nossa parte tudo quanto estiver ao nosso alcance para assim corresponder aos seus e aos nossos proprios sentimentos patrióticos.

Lisongeamo-nos ainda por nos offerecer essa circunstancia occasião de ficarmos em contacto directo com os outros illustres e dignos cavaleiros, que tambem fazem parte da comissão, assim como sentimos sempre vivo prazer quando se nos offerece o ensejo de recebermos em o nosso Club visitantes delicados e distintos como mostraram ser esses cavaleiros.

Convergindo, pois, todos os esforços da comissão para o bom desempenho do cargo para

que foi nomeada, pôde-se de antemão assegurar um resultado satisfactorio.

A terminação gloriosa para o Brazil da presente guerra é o mais ardente desejo de todos os membros do Club X, assim como o é de todos os brasileiros.

Hoje, essa terminação já não entra em linha de duvida, e não se fará de certo esperar por muito tempo mais. Se alguma cousa nos opprime ainda, é por sem duvida a grande anciedade e impaciencia proprias de quem espera.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

## EXPANSÃO.

Declinava já o dia, mas sobre as ponteagudas serranias ainda o sol batia de chapa, e seus raios já um tanto fracos alumiam os alcantilados pincaros de uma pittoresca serra, como são as da nossa terra.

Assentado em cima de um pequeno comorinho eu contemplava absorto o magnifico panorama, que se desenrolava diante de meus olhos.

Era a natureza quasi virgem alli; mas ao longe, bem longe, via-se o fumegar de uma tosca casinha de sapé, aonde talvez se acoitava a essa hora solemne uma familia inteira, escutando attentamente as palavras de amor paternal que caiam de alguns labios já decrepitos pelo passar dos annos.

Alli, curvado sobre a enxada, um velho incansavel arroteava o torrão, que seus paes lhe legaram, dando assim um exemplo a seus filhos que em breve lhe succederão; e acolá brincavam sobre a relva do prado novilhos e carneiros, debruçando-se á margem de um regato, que brandamente sussurrando percorre de todo a campina até perder-se na matta visinha.

De um lado viçosa e verde se estendia a campina, promettendo liberal á mão suada do agricultor colheita fertil e abundante, enquanto de outro lado arvores annosas, cobertas de parasitas, troncos nus, e rochedos a pique pareciam entestar com as nuvens.

E no meio da natureza muda, n'esta tão agreste solidão, onde o homem como que parece isolado do resto do mundo, lá mesmo a religião do Crucificado eleva o seu throno.

Uma capellinha, estreita habitação do ser Immenso, alli campeava alvejante por entre os ternos amplexos da hera rastejante.

Alli no horizonte illimitado, que a circumdava, ella era como o pharol de salvação, que apparece em meio de tormentosa noite ao navio perdido no mar embravecido, e acordava a alma abatida da indifferença em que jazera, e a chamaava a soccorrer-se nos braços da fé.

E eu contemplei a natureza toda e sorri alegre... mas quando volvi os olhos para o céo, já o sol se havia de todo afundado no horizonte, e então minha alma ficou triste ao ver a natureza, que parecia um vacuo, em que eu via submergir-se tudo; mas voltando os olhos á capella, que ia-se desvanecendo na sombra, contracto descobri-me e orei.

Oh! Deus! como são grandes e sublimes as tuas creações.

DR. GROTIUS,

## O 1.<sup>º</sup> DE ABRIL.

Desde tempos immemoraveis que os povos cultos tinham por costume organizar patotas neste dia, em que uns e outros cahiam inadvertidamente, sujeitando-se a serem victimas de caçoadas solemnies; e nessas occasões se lançava por terra a prôa dos *espirituosos* que a todo o momento se riam da boa fé d'aquelles que os acreditavam.

Com o tempo tem-se extinto este habito, e passa hoje desapercebidamente o dia 1.<sup>º</sup> de abril sem que um *ratão* se lembre de debicar o pro-

ximo com uma pilheria chistosa, com um engano qualquer.

A' parte alguns annuncios mentirosos dos jornaes diarios, nem se conta que fuão ou beltrão fosse enganado. E' pena porque appareciam ás vezes idéas realmente engracadas.

Comtudo, desse habito que se vai apagando da idéa dos contemporaneos, uma ou outra vez dá-se um episodio curioso e digno de attenção; é um desses que vamos narrar.

Tres individuos, A., B. e C., achavam-se n'uma sala no dia 1.<sup>º</sup> de abril e esforçavam-se por enganarem-se. Era debalde, cada um tinha mais espirito do que outro. Trocou-se afinal o seguinte trialogo, que denota bastante espirito:

- A.—Fumas, B.?
- B.—Se fumo? ora que pergunta.
- A.—Pois não sabia: pega lá um charuto.
- E mettendo a mão na algibeira offereceu alguns a B., e quando este ia tirar um, A. retirou a mão e perguntou-lhe com ironia:—Não sabes que é hoje o 1.<sup>º</sup> de abril?
- C.—Ora, ora, não é assim que se enganam os tolos. A., tens ahi mais um charuto?
- A.—Tenho, porque?
- C.—Dá-m'o cá.
- A.—Pois não.
- E offereceu a C. um punhado de charutos. C. apressadamente lançou mão de todos elles e guardou-os, dizendo ao som de uma gargalhada:—E' assim que se enganam os tolos.
- Deram-se as mãos, e na verdade foi C. o mais fino dos tres.

++

## NOVIDADES DA SEMANA.

Um titulo já tão conhecido dos leitores, e expri-me, ás vezes, tanta cousa velha, que resolvi atiral-o para um canto.

A receita era boa, mas falhou.

Era preciso encher algumas paginas deste jornaixinho, e portanto, não se espantarão os leitores, se não encontrarem hoje cousa de mais fino quilate.

\*\*

Do theatro da guerra aguarda-se com anciadade a continuação dos brilhantes feitos que acabam de ser registrados como uma gloria nacional.

Póde-se agora, dizer, erguendo a cabeça com altivez:

*Civis brasiliensis sum.*

\* \*

De theatros, nenhuma novidade de alta importancia prendeu a attenção publica a não ser os partidos Dauran e Arséne (vulgo ar-scenico, ou arsenico.)

\* \*

Depois do ultimo desmembramento que houve no theatro da rua da Ajuda formaram-se duas tribus de admiradores, que se estabeleceram n'aquelle campo de Marte, cada uma em sua extremidade. Recebidos com desdem, ou talvez não recebidos pelas cantoras afamadas, tinham razão para desanimo, se não fossem guerreiros de *primo cartello*. Os gladiadores tem a virtude de certos homens publicos, são pertinazes.

Tanto gritaram, tanto espernearam, tanto rivalisaram, que emfim todos os *deletantti* foram pouco a pouco cedendo-lhe, o campo, recordando-se do axioma que diz: cantam, mas não entoam.

Duas principalmente, são as estrellas d'aquelle céo artistico. Entre estas a rivalidade subio ao ultimo ponto, e chegou a ser guerra, e a rivalidade natural entre as duas cantoras trouxe os *melros* n'um sarilho.

Na ultima campanha deu-se um caso que passo a contar.

Uma das estrellas ia ser coroada. Chega o momento solemne; a eximia cantora apparece; canta, trina, e.....; atroam-se os ares com aplausos; os seus adversarios adiantam-se com o diadema..... devido á rainha das tribus.

A estrella rival toma a cousa entre os dentes, e exclama furiosa « Corôa infernal! quem me dera devoral-a ! »

Horror! A corda era de capim com bagos de lima.

\* \*

Uma recommendação tenho a fazer á sociedade elegante, que não deve desamparar o El-dorado, cujo emprezario procura á custa de grande trabalho, sacrificios e grande esmero na escolha dos espectaculos, dar ao publico noites aprasivas.

\* \*

Não se dá muita novidade no theatrinho da rua de Uruguayana; apenas estreou alli uma artista Mlle. Val-Monca. (condessa.)

Não sei, não lhe vi a certidão de baptismo, mas se ella não é o que dizem, é cousa que se parece com isso.

Um grupo de artistas dispersados, entre elles alguns de reconhecido merecimento inauguraram no theatro Lyrico a associação dramatica sob a direcção do intelligent artista Vasques.

Actualmente representa-se alli o drama de Cesar de Lacerda, S. Sebastião. Esta excellente composição está posta em scena, com um esplendor digno de uma platéa intelligente.

\* \*

O cavalheirismo dos amigos do X mostrou-se ainda mais uma vez no beneficio da familia Keller, dado na noite de 28 do mez passado.

O theatro regorgitava de povo.

Para isso bastou appellar para os sentimentos philantropicos desta populaçao, ainda quando a opereta escolhida, *Barbe-Bleue*, não fosse como é uma das mais bem aceitas do repertorio da companhia do Alcazar.

Quanto aos quadros do Sr. Keller, sabe-se que houve um incidente que impedio a exhibição mais perfeita, com tudo não deixaram de agradar, principalmente o ultimo dedicado ao X; receba o Sr. Keller os nossos emboras.

E com isto está preenchido o dever do

VISCONDE DE COCK-TAIL.

### ZIG ZAG.

Sendo sentenciados alguns ladrões á forca, um delles para salvar a vida começou a gritar que era parente de um Santo e descendente dos reis de Dania.

Oh!!! exclamou o juiz, é cousa indigna que um ladrão de sangue Real morra de morte tão baixa; enforquem-no, pois, em um mastro de navio, para que fique mais exaltado.

Um rei sabendo que dois invejosos avarentos eram grandes inimigos, mandou chamar um, e lhe disse: Quero-vos fazer uma mercê, e hade ser a que vós me pedirdes, com advertencia que hei-de de fazer dobrado a fulano, de quem sei que sois grande inimigo.

O usurario beijou a mão ao rei pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandassem arrancar um olho, porque assim o rei seria obrigado a arrancar dois ao outro, para que ficasse cégo, ainda que elle ficasse zanaga.

Um discípulo de Pythagoras, visitando um atheniense, e sendo por este bem recebido, para pagar-lhe a sua benevolência, prometeu-lhe o dom de memória.

— O que entendas por memória, retorquio o atheniense?

— Por ella recordarás os teus conhecimentos, disse o pythagorico.

— Ah! retorquio aquelle; antes preferia eu a faculdade de esquecer-me, d'aquillo, de que me não quero lembrar.

D. JOSÉ DE VIDIGUEIRA.

## POESIAS.

### N'um album.

A' MLLE. E. S.

Toi qu'en mon cœur seul  
je nomme!

Victor Hugo.

E ás horas da soildão  
o teu nome eu balbucio,  
que voando então p'ra o céo,  
fóge manso n'um cicio  
a juntar-se na harmonia,  
que nos céos traduz amôr;  
e ao vate aqui na terra  
respondem échos só dôr!

DR. GROTIUS.

### Allah X! (\*)

(1868)

Carnaval! eu te saudo! Em mim acendes  
O fogo do entusiasmo;  
E ao povo, que te vê, deixas absorto,  
Embasbacado e pasmo!

De virtude e moral tu és um poço!  
E's um *tableau vivant*!

Não ha nada mais sério no *grand monde*  
Que um rasgado *can-can*!

Amo-te, Carnaval, como a mim proprio!  
Como o ar que nos dá vida,  
Como a bacchante languida, formosa,  
Aos meus olhos rendida!

E's tu, só tu, que nós trazes  
O turbilhão das orgias!  
Não ha balsamo mais santo  
P'ra adormecer agonias!

(\*) Distribuida no Carnaval.

Vamos! Os labios imploram  
Um beijo ardente, lascivo!...  
Só assim, de veia em veia,  
Gyra o sangue... sei que vivo!

Qual nadador destemido  
Que se lança ao mar profundo,  
Do carnaval nos banquetes  
Quero mergulhar bem fundo!

Depois, pedir a palavra,  
E co'a inspiração acesa,  
Na vertigem da loucura,  
Dizer dos festins á mesa:

Vinde! grupai-vos, convivas!  
As nossas frontes altivas  
Estão de fogo a escaldar!  
Ponde champagne na taça!  
Assim é que a vida passa,  
Ora a rir, ora a folgar!!

O carnaval é paraíso,  
Em que o lascivo sorriso  
Das impudicas houris  
Provoca um leilão de beijos!...  
Podemos matar desejos:  
Comprai, ó sócios do X!

Grande, estrondoso, infinito,  
Ergamos um só, um grito  
De entusiasmo e fervor!  
A Allah! ao X! ás orgias!  
Aos sonhos dos nossos dias!  
A' embriaguez do amor!

PICK-NICK.

### Aos leitores.

A redacção pede aos Srs. sócios do Club X, que não receberem regularmente o jornal, o especial obsequio de reclamarem contra isso á qualquer dos redactores do mesmo; os quais envidarão todos os esforços a seu alcance afim de evitar quaisquer reclamações.

Rio, 4 de abril de 1868.

A REDACÇÃO.